

## TURISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: INCLUSÃO E INOVAÇÃO SOCIAL

Paulo de Jesus  
João Paulo da Silva  
Jadson Minervino da Fonseca  
Cirides Nunes Moreira  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

**RESUMO:** O objetivo principal deste artigo é realizar uma breve discussão acerca da inclusão social através do turismo na perspectiva da economia popular solidária. Propõe-se fundamentar empiricamente essa discussão a partir da análise dos resultados do diagnóstico situacional do Projeto PORTURISMO-ECOSOL, desenvolvido em Porto de Galinhas, Município de Ipojuca, Pernambuco. Esse Projeto vem sendo executado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Os resultados desse diagnóstico revelam, entre outras questões, que as iniciativas populares locais, vinculadas à cadeia produtiva do turismo, pouco vêm se beneficiando do crescimento dessa atividade ao longo dos anos. Evidenciando, assim, a necessidade de apoio a essas iniciativas com base nos princípios da economia popular solidária.

**PALAVRAS CHAVES:** Turismo, Economia Solidária, Inclusão Social, Porto de Galinhas, Pernambuco.

**ABSTRACT:** The main objective of this paper is to conduct a brief discussion of social inclusion through tourism economy in the perspective of popular solidarity. It is proposed to empirically substantiate this argument by analyzing the results of the situational diagnosis Porturas-ECOSOL Project, developed in Porto de Galinhas, Ipojuca County, Texas. This project is being implemented by the Technological Incubator of Popular Cooperatives - INCUBACOOOP, Federal Rural University of Pernambuco - UFRPE. The results of this diagnosis reveal, among other things, that the local popular initiatives, linked to the productive chain of tourism, some have been benefiting from the growth of this activity over the years. , Thus demonstrating the need to support such initiatives based on the principles of popular solidarity economy.

**KEY WORDS:** Tourism, Solidarity Economy, Social Inclusion, Porto de Galinhas, Pernambuco.

Promoção



Realização



**INTRODUÇÃO:** O turismo é uma das atividades econômicas que mais gera riquezas no mundo (OMT, 2003). Porém, seu desenvolvimento gera impactos nas comunidades locais e, por esse motivo, é importante que seja repensado o modelo de exploração turística pautado, muitas vezes, na prioridade empresarial de obtenção ou produção de lucros. É preciso perceber o potencial de inclusão social dessa atividade, imprimindo ações que se voltem para o desenvolvimento local e busca da qualidade de vida das comunidades que possuem um intenso fluxo de turistas.

A atividade turística convencional, com suas explorações em massa, que almeja lucros imediatos e demanda investimentos de grande porte causa, na maioria das vezes, graves impactos ambientais, perda de valores culturais e o afastamento da população endógena dos benefícios econômicos advindos do turismo, conforme assinala Barretto (2001). Ainda segundo a autora, na última década do século passado, tem-se trabalhado no sentido de estabelecer modelos de desenvolvimento turístico que incluam ações voltadas a um desenvolvimento sustentável de caráter local e comunitário.

Para Lage e Milone (2000), a sinalização das mudanças, no Brasil, começa pela incorporação do turismo como política pública substantiva, tanto no nível federal quanto estadual. Já no nível local os governos das cidades têm assumido projetos e ações de caráter integrado entre o *trade* e as organizações governamentais e não governamentais se consolidando, sobretudo, como parceiros das outras esferas de governo na implementação de políticas setoriais nos municípios.

O Ministério do Turismo, analisando a atividade turística no Brasil, constatou que, no cenário interno, o turismo tem muito a contribuir para a inclusão social e o desenvolvimento sócio-econômico do País. Entre as metas do Plano Nacional de Turismo que compreende o período entre 2007 e 2010, a de número 02 estabelece a perspectiva de criação de 1,7 milhões de novos empregos e ocupações (MTUR, 2007).

É nesse sentido que emerge a necessidade de contextualização do turismo enquanto uma atividade capaz de gerar postos de trabalho pautados em princípios como o da inclusão, da solidariedade e da participação social. Dessa maneira, a economia solidária pode agregar ao turismo novos valores, fortalecendo grupos ou iniciativas populares vinculadas à produção de bens e serviços dentro da cadeia produtiva do turismo, favorecendo ainda o fortalecimento desses grupos através de processos de inclusão social.

Diante disso, no presente texto propõe-se discutir, inicialmente, as bases teóricas para o desenvolvimento e consolidação do turismo como agente de inclusão social e econômica em territórios com potencialidades turísticas, na perspectiva da economia solidária. Em seguida, apresentar alguns resultados do diagnóstico situacional do Projeto PORTURISMO-ECOSOL, desenvolvido no pólo turístico de Porto de Galinhas, localizado no Município de Ipojuca, Pernambuco, pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE com financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP e do Ministério do Turismo – MTUR.

O diagnóstico do Projeto PORTURISMO-ECOSOL, objetivou num primeiro momento mapear iniciativas da economia popular solidária que têm relação direta ou indireta com a cadeia produtiva do turismo em Porto de Galinhas. Além disso, tornou possível analisar a situação em que se encontram esses grupos diante do crescimento do turismo na região.

Este diagnóstico foi realizado nos meses de Novembro e Dezembro de 2009 e Janeiro de 2010. Utilizou-se como metodologia, inicialmente, a observação direta, com diversas visitas ao local, realização de contatos mais formais, onde se empreendiam interações livres objetivando conhecer o local, mas também as idéias, as pessoas,

alguns sentidos. Num segundo momento, foram realizadas Rodas de Conversa<sup>1</sup> com diversos atores sociais a fim de escutar dos mesmos, dentre outras coisas, a forma como observam o atual cenário de desenvolvimento do turismo em Porto de Galinhas. Também foi empreendido um debate acerca de quem tem se beneficiado com o crescimento dessa atividade e a situação atual das iniciativas que estão inseridas nessa cadeia produtiva. Esse resultado, particularmente, é o que será apresentado e discutido no presente artigo.

Porto de Galinhas foi escolhida como recorte espacial deste projeto por ser uma área de grande concentração turística do Estado de Pernambuco e também da Região Nordeste do Brasil, haja vista ter sido escolhida pela 9ª vez consecutiva, a melhor praia do Brasil pelo *Guia 4 Rodas* (2009). Isso se deve, dentre outras coisas, ao conjunto de atributos histórico-culturais e paisagísticos, acompanhado de uma infraestrutura turística que lhe possibilitou, ao longo dos anos, competir com outros destinos nacionais e internacionais já consolidados.

## 1. ECONOMIA SOLIDÁRIA E TURISMO

Desde o Século XVIII, com o surgimento e consolidação da chamada Revolução Industrial na Europa e sua posterior expansão mundial, ficou evidenciado mais um modo de produção nas sociedades de nosso planeta, uma organização da produção que privilegia a reprodução do capital empregado na produção, pela obtenção de lucros. Concomitantemente, trabalhadores buscavam alternativas para fazer valer sua capacidade de trabalho e para obter renda fora das modalidades de organização

---

<sup>1</sup> As rodas de conversa consistem em um método de participação coletiva de debates acerca de uma temática, através da criação de espaços de diálogo, nos quais os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Nesse sentido, as Rodas de Conversa têm como principal objetivo a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização dos saberes e da reflexão voltada para a ação, através de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimento entre os atores sociais envolvidos nessa metodologia (NASCIMENTO; SILVA, 2009).

empresarial que passaram a consolidar um novo tipo de relação, a relação de emprego entre alguém que possui capital, se propõe a produzir certo bem ou serviço e precisa da força de trabalho e alguém que dispõe dessa capacidade de trabalho. Tal movimento assumiu na Europa a denominação de Economia Social, expandindo-se posteriormente com tal denominação para outros continentes (DEFOURNY, DEVELTERE & FONTENEAU, 1999), predominando as organizações de tipo cooperativas, ajuda mútua e associações (DELVETERE, 1998).

Já em 1994, Jean-Louis Laville publica na França *L'économie Solidaire – une perspective internationale* onde empreende análises em torno dos sentidos de fraternidade e da solidariedade que estavam presentes nos acontecimentos pós-revolução industrial e até mesmo antes dela, evidenciando o processo de construção e de surgimento da Economia Solidária. Nessas análises, ele destaca a questão do trabalho como crucial para pensar a organização das formas de solidariedade que, por sua vez, “estruturam as atividades econômicas e contribuem para uma ação pública necessária ao estabelecimento de uma sociedade que se quer democrática (LAVILLE, 1994, p. 30)”.

Hoje chama-se tal dinâmica de Economia Solidária (SINGER, 2003), mas também assume outras denominações como Economia Popular Solidária, Economia Popular (ICAZA & TIRIBA, 2003), Economia do Trabalho (CORAGGIO, 2003), Economia da Dívida (LECHAT & SCHIOCHET, 2003), evidentemente com as diferenças que os defensores de tais denominações evidenciam, assentando-se, contudo, nos princípios da solidariedade, mutualidade e sobretudo da gestão democrática, buscando-se atingir a autogestão, como assinala Singer (2003, p. 116):

Economia Solidária é hoje um conceito amplamente utilizado dos dois lados do Atlântico, com acepções variadas, mas que giram todas ao redor da idéia de solidariedade, em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o comportamento padrão nas sociedades capitalistas. O conceito se refere a organizações de produtores, consumidores, poupadores etc., que se distinguem por duas acepções: (a) estimulam a solidariedade entre

os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos.

Do exposto, fica evidente a relação da Economia Solidária com perspectivas de inclusão, dimensão sobre a qual Jesus e Mance (2003, p. 150) assim se manifestaram:

[...] exclusão é compreendida como a ação de pôr fora o que estava dentro, que se manifesta visivelmente na condição de desemprego. A inclusão, por sua vez, pode ser entendida como o processo ou situação de participação como ator e beneficiário, em contextos de oportunidades de trabalho e de distribuição da riqueza produzida ou ainda de políticas públicas. Sua negação, total ou parcial, configuraria um quadro de exclusão [...].

Então, parece que na perspectiva de inclusão que se pretende na cadeia produtiva do turismo, a Economia Solidária pode vir a ser uma estratégia. Mesmo que, como observa Singer (2002, p. 21) grande parte dos cooperadores se insere nela como um modo de produção intersticial, para se reinserirem na produção social e escapar da pobreza.

## **2.1. QUE TURISMO PODE FAVORECER TAL PERSPECTIVA?**

A atividade turística na contemporaneidade apresenta-se na forma de diversos segmentos e tipologias que guardam relação com os diferentes públicos e respectivas demandas por bens e serviços. Rolim (2009), por exemplo, apresenta uma tipologia que compreende pelo menos 23 tipos de turismo: agroturismo, aventura, balneário, científico, compras, congresso, cultural, além do chamado turismo ecológico, de eventos, de férias, GLS, de incentivo e lazer, como também o turismo marítimo, o da melhor idade, o montanhês, o religioso, o turismo rural, entre outros. Enfim, as

tipologias se constroem a partir das motivações e dos interesses dos viajantes e dos que fazem a gestão das situações reais.

Para fins do objetivo deste trabalho e consideradas as diversas características de Porto de Galinhas – Pernambuco, enquanto pólo turístico, mas também enquanto comunidade local, propõe-se a delimitação do turismo solidário e do turismo de base comunitária, como tipologias que podem subsidiar a construção processos de inclusão social de grupos populares interessados e relacionados com a cadeia produtiva do turismo naquela localidade.

### **2.1.1. TURISMO SOLIDÁRIO**

Com base na corrente teórica de que o turismo pode ser considerado como vetor de mudanças estruturantes e de inclusão social, quando incorpora em seu processo a preocupação de parte dos agentes do turismo, é que surge o conceito de turismo solidário. Essa forma de turismo deve assumir na prática valores e princípios da economia solidária e os modelos de gestão e participação populares, a saber: valorização do território, reconhecimento das diferenças étnicas, religiosas, de gênero e geração, solidariedade e ética nas relações políticas, econômicas e sociais e de produção (REDE BRASILEIRA DE TURISMO SOLIDÁRIO E COMUNITÁRIO, 2009).

Guimarães (2003, p. 1) observa que as formas convencionais de turismo

pouco ajudam na distribuição da riqueza internamente pois a renda oriunda da atividade se concentra na mão de poucos. Normalmente os maiores ganhos ficam nas grandes empresas de transportes aéreos, marítimos e terrestres, agências de viagens, hotéis, principalmente os de luxo, e restaurantes mais conhecidos. Dificilmente parte desse lucro chega na mão de residentes em municípios ou comunidades mais pobres. O paradigma, apesar de não ser verdadeiro, é de que Turismo não combina com pobreza mas,

na minha ótica, o que falta é apenas um pouco de criatividade para se promover interação e mão dupla ao Turismo.

Em busca de uma opção capaz de reverter essa realidade o turismo solidário apresenta-se como um forte vetor de transformação propugnando mudanças. Sua proposta objetiva:

Mudar o caráter do Turismo global, questionando o mito do Turismo como gerador de emprego e renda e denunciando as políticas centradas na atração de investimentos que não levam em consideração a participação e o desenvolvimento das comunidades locais (REDE BRASILEIRA DE TURISMO SOLIDÁRIO E COMUNITÁRIO, 2009, p. 1).

Assim, o turismo solidário evidencia um novo ramo da atividade que tem como objetivo aliar o turismo ao combate à pobreza. Como defende Guimarães (2003, p. 1):

A idéia central é empreender ações governamentais e privadas no sentido de congregar pessoas físicas e jurídicas dispostas a conhecer de perto a realidade de famílias e comunidades que vivem em condições de extrema pobreza (...) para diagnosticar problemas, encontrar soluções e contribuir de forma concreta para aliviar seus efeitos. A proposta inicial é levar os interessados a ter contato com comunidades que vivem no interior (...) e se disponham a receber visitas programadas com o objetivo de colaborar na melhoria da qualidade de vida e no desenvolvimento humano e social comunitário.

Nesse sentido, o turismo solidário atua na perspectiva de que o turista se torne um agente social que proporcione mudanças positivas nas comunidades que visita. Esta proposta de turismo deve responder a uma demanda de parte crescente da clientela dos produtos "eticamente corretos" e a uma reorientação de conduta de parte da demanda tradicional de turismo que consome a cultura, o espaço, a paisagem e não se integra efetivamente às diversas realidades encontradas nas destinações turísticas do país.

Promoção



Realização





Podemos compreender, dessa forma, que o turismo solidário deve conduzir o turista a uma forma de solidariedade concreta com as populações visitadas por meio do apoio e engajamento a um projeto de desenvolvimento, garantindo a duração e a perenização das ações de solidariedade. Tal proposta deve se ampliar sobre as práticas, atitudes de vida e demonstrar uma mudança com relação aos valores, sendo que hoje muitos clientes estariam dispostos a priorizar produtos que demonstrem uma ação cidadã.

### **2.1.2. TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA**

No campo do turismo emerge a necessidade de pensarmos no desenvolvimento dessa atividade alicerçada com os princípios da sustentabilidade que incorpora, por sua vez, a noção de comunidade quando se refere à preservação do patrimônio natural e cultural das localidades ou destinações turísticas. Segundo Coriolano (2008, p. 2) “comunidade vem da palavra comum e significava que a terra e os recursos existentes nos lugares podiam ser usufruídos por todos, de acordo com as necessidades de cada um”.

Apesar de importante, esta perspectiva apresenta-se bastante complexa na prática, uma vez que a implantação de um modelo de turismo alternativo, em contraposição ao modelo de exploração turística em massa e que tenha como alicerce os princípios da sustentabilidade, apresenta diversas dificuldades que se revelam com maior intensidade em regiões marcadas pela fragilidade do poder público local, pela desigualdade social e pelo baixo grau de organização social (LAGE & MILONE, 2000).

No caso das comunidades litorâneas, conforme Luchiare (apud FONTES & LAGE, 2003) o que vem ocorrendo de um modo geral é a sobreposição da ocupação turística em detrimento da ocupação tradicional, a qual vai mais além, na medida em que toma

“territórios” que possuíam um valor intrínseco como reservas extrativistas, usos complementares da atividade doméstica ou mesmo como “cenário” significativo culturalmente, na sua maioria, sem oferecer alternativas para a população local.

Irving (1998, p. 32) afirma que “o desenvolvimento da atividade turística qualificada de ‘sustentável’ exige a incorporação de princípios e valores éticos, uma nova forma de pensar a democratização de oportunidades e benefícios [...]”. Esta proposta de desenvolvimento turístico vai ao encontro do conceito de turismo de base comunitária. Para Coriolano (2008, p. 5):

Estudar comunidade faz-se necessário para compreender os arranjos produtivos de base comunitária ou o Turismo comunitário. Um pequeno grupo de pessoas com seu modo próprio de ser e sentir, com suas tradições religiosas, artísticas, seu passado histórico, costumes típicos, seu “estilo” de vida familiar e social, suas atividades produtivas, problemas e necessidade, suas aspirações; vivendo em um mesmo lugar e tendo, sobretudo, consciência desta vida comum, tudo isso junto forma a idéia de comunidade.

A autora ainda afirma que o conceito de turismo de base comunitária surge como uma alternativa ao chamado turismo de *resorts* e dos mega-empreedimentos e como forma de evitar que os empreendedores externos se apropriem das comunidades e monopolizem os benefícios do turismo (CORIOLANO, 2008).

Sobre as experiências de turismo comunitário no Brasil, Coriolano (2008, p. 13) afirma:

Muitas comunidades, especialmente no Nordeste e Norte do Brasil, as regiões mais injustiçadas socialmente, inventaram uma forma diferente de organizar a atividade, o Turismo comunitário em defesa das populações litorâneas e ribeirinhas na região Norte.

Esse tipo de turismo se volta para a oferta de serviços, passeios, entretenimentos associados aos valores dos residentes, priorizando o rústico e não o

luxo. Trata-se, portanto, de um turismo que não seja apenas voltado ao consumo, mas à troca de experiências, fortalecimento de laços de amizades e valorização cultural.

Com a caracterização desses dois tipos de turismo, buscou-se tão somente demonstrar que na literatura e no mundo real existem práticas ou modelos de turismo que parecem favorecer efetivamente mais a inclusão e o desenvolvimento sócio econômico de pessoas e organizações e, como tal, valem as considerações como referências balizadoras das possibilidades.

### **3. PROJETO PORTURISMO-ECOSOL: QUE TURISMO? QUE ECONOMIA SOLIDÁRIA?**

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – INCUBACOOOP, da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, vem desenvolvendo o Projeto PORTURISMO-ECOSOL com o objetivo de contribuir para que as iniciativas de economia popular solidária em Porto de Galinhas possam incrementar ganhos sociais em termos de auto-estima, melhor formação para o trabalho autônomo associativo, ganhos financeiros, ampliando a renda das famílias, entre outros, a partir do aperfeiçoamento de suas competências para produzir mediante agregação de valor aos serviços e produtos, de forma autogestionária.

**Porto de Galinhas, distante apenas 60 km do Recife, já conquistou nove títulos como a melhor praia brasileira. A preferência nacional e até internacional não é à toa. A marca registrada são as piscinas naturais formadas por inúmeros arrecifes próximos da faixa de areia. Jangadas levam os turistas até os peixes coloridos dos corais num espetáculo de cores da natureza, ideal para quem gosta de contemplá-los debaixo d'água durante mergulhos. Com ampla rede hoteleira e de serviços, o balneário possui hotéis, pousadas e *resorts* de alto nível. Porto de Galinhas equilibra**

Promoção



Realização



**ainda roteiros ecológicos com roteiros náuticos, de mergulho e muitos empreendimentos de luxo recém-inaugurados.**

Parece importante afirmar que o Projeto aqui denominado PORTURISMO-ECOSOL busca favorecer a inclusão social e econômica através do turismo e da economia solidária. Então, trata-se de apoiar organizações e/ou grupos de trabalhadores e trabalhadoras que produzem bens ou serviços em estreita ligação com a cadeia produtiva de turismo. Neste sentido, não se está tratando de turismo solidário ou turismo de base comunitária, por exemplo. Eventualmente, tais grupos ou organizações apoiadas pelo projeto virão a manifestar características que os associam mais a um determinado tipo de turismo.

Mas este não é o ponto de partida do Projeto PORTURISMO-ECOSOL. Aqui se parte de uma realidade social: de um lado uma dinâmica turística centrada no binômio praia e sol proporcionada também pelas belezas naturais do território de Porto de Galinhas e, de outro lado, pessoas que podem e querem produzir bens ou serviços para ofertar comercialmente aos turistas. Pessoas ou grupos que precisam e parecem buscar apoio na perspectiva de se consolidarem como organização, buscando, inclusive, aperfeiçoamento na qualidade do produto ou serviço.

#### **4. A INCLUSÃO E A INOVAÇÃO SOCIAL DO TURISMO EM PORTO DE GALINHAS NA PERSPECTIVA DE SEUS ATORES**

Com a realização das Rodas de Conversa<sup>2</sup>, buscou-se valorizar a opinião dos entrevistados, seus modos de encarar a vida e o trabalho a partir da experiência de cada um. Tratou-se, portanto, de uma metodologia que buscou a mobilização de

---

<sup>2</sup> A transcrição ou degravação das Rodas de Conversa deu margem à organização de um Caderno – Projeto PORTURISMO-ECOSOL – Rodas de Conversa (2009), com 78 páginas. Tal caderno integra o acervo do projeto, sob a guarda e responsabilidade de sua Equipe Técnica.

representantes dos grupos locais em torno das questões que fazem parte do dia-a-dia de Porto de Galinhas e da cadeia produtiva do turismo, ou seja, pessoas que fazem também o turismo acontecer no local, como por exemplo: Bugueiros<sup>3</sup>, Jangadeiros, Pescadores, Artesãos, Barraqueiros, Ambulantes, Condutores, além de Jornalistas e representantes do poder público local.

Iniciaram-se as Rodas de Conversa com a seguinte indagação: Como está o turismo em Porto de Galinhas atualmente? Sobre essa questão, a maioria das pessoas concorda que Porto de Galinhas é um dos principais destinos turísticos do mundo, como se observa nas falas abaixo:

Porto de Galinhas é mais que um paraíso e merece o título, mais uma vez, de melhor praia do Brasil. Realmente merece (RODA DE CONVERSA, p. 34).

Porto de Galinhas é um destino turístico para o mundo. A gente sabe que a visibilidade do destino turístico é muito grande no Município. Eu tenho no Município 70 mil pessoas. Eu tenho em Porto de Galinhas 6 mil pessoas. Só que eu tenho no final de semana, 50, 60 mil aqui no feriado! (RODA DE CONVERSA, p. 60).

Porém, alguns participantes afirmaram que Porto de Galinhas passa por uma fase delicada e que o modelo de exploração que vem sendo adotado precisa ser repensado, como pode ser observado nas falas abaixo:

Eu hoje vejo Porto de Galinhas morrendo, se acabando. Porque o poder público só está pensando em si mesmo. Na gente, não! (RODA DE CONVERSA, p. 33).

Em matéria de organização, Porto de Galinhas vem perdendo muito, porque o poder público não vem atuando do modo que deveria atuar: fiscalizando, coordenando e determinando critérios e ao mesmo tempo promovendo cursos de conscientização, cursos de profissionalização, curso de desenvolvimento econômico (RODA DE CONVERSA, p.34).

Porto de Galinhas tem gente passando fome, Porto de Galinhas tem gente analfabeta, Porto de Galinhas tem um saneamento péssimo,

---

<sup>3</sup> Condutores de veículos de passeio tipo *Buggy*.

entendeu? Mas, Porto de Galinhas na imprensa é *show* de bola, a praia do mundo. Mas não é só de praia que se vive no local (RODA DE CONVERSA, p. 32).

Os gestores públicos, por sua vez, possuem uma visão mais amena desses impactos, afirmando que Porto de Galinhas está passando por um momento natural de qualquer destino turístico que desponta no cenário nacional e internacional, como podemos observar nas afirmações seguintes:

Porto de Galinhas está num momento de estruturação. Está num momento bom. As obras estão acontecendo, as empresas estão buscando esse aperfeiçoamento, estão começando a se conscientizar com relação à necessidade da profissionalização. Principalmente uma outra ação que é fundamental, é a questão da preservação ambiental. Então assim, as pessoas estão começando a agir não é? Acho que não só pensar em tomar consciência, mas estão fazendo aquele trabalho de formiguinha. É um trabalho de médio a longo prazo, na minha opinião (RODA DE CONVERSA, p. 55).

Eu acredito que a gente avançou e avançou muito. Porto de Galinhas realmente aconteceu! Não por conta do poder público. A gente colaborou, mas o *trade* aqui é muito organizado (RODA DE CONVERSA, p. 57).

Porém, na fala da maioria dos entrevistados ficou evidenciada uma forte preocupação com o atual estágio de desenvolvimento de Porto de Galinhas:

Eu cheguei aqui há 15 anos e eu tenho saudades do Porto de antigamente, principalmente pelo cuidado da natureza que eu vejo que não há. Eu acho que o turismo explodiu, numa proporção muito grande nesses 14 anos. Então eu sinto saudades de ver a rua sem calçamento, a areia (RODA DE CONVERSA, p. 3).

Não está tendo um cuidado necessário para preservar isso. As pessoas não têm essa responsabilidade, já não pensam no depois só pensam no hoje. No hoje tirar proveito. Não estão pensando no amanhã (RODA DE CONVERSA, p. 22).

Alguns, fazendo alusão ao início da exploração turística em Porto de Galinhas, afirmam que a Vila perdeu algumas oportunidades, dentre as quais ressaltam a queda no número de turistas estrangeiros que visitam a Vila atualmente:

Nós recebíamos muito mais portugueses. Eram os principais. Depois eu acho que os italianos. Eu acho que diminuiu para Porto. Diminuiu bastante. É mais o Turismo interno agora (RODA DA CONVERSA, p. 12).

No mês de agosto, a gente recebia muitos portugueses. Não se contava os portugueses que vinham para Porto de Galinhas. Sabe por quê? É a carestia que está demais, muita coisa cara, a exploração demais e eles correm de Porto de Galinhas e quem vive disso sofre (RODA DE CONVERSA, p. 33).

Como foi observado localmente, a partir do contato com comerciantes, moradores e turistas, em conversas formais e informais, percebe-se que, de fato o turismo interno teve uma grande ascensão nos últimos anos. Contudo, acredita-se que isso se deva à importância que Porto de Galinhas passou a ter na mídia nacional, massificando ainda mais o turismo na região e aumentando os níveis de competição entre o *trade* turístico.

Muitos participantes também ressaltaram a importância que deve ser dada à preservação dos recursos naturais de Porto de Galinhas, como uma forma de garantir a sustentabilidade da atividade turística e buscar uma melhor qualidade de vida para a população local, minimizando os impactos ambientais:

Hoje, a minha principal preocupação é o meio ambiente, porque o turista ainda vem buscar essa beleza natural, que aparentemente ainda Porto de Galinhas tem, mas se sabe que isso vai acabando com o tempo, como estão acabando os peixes, estão acabando os caranguejos. Pois, na medida em que se acaba o meio ambiente acabou o turismo e, hoje, Porto sobrevive do turismo, na verdade. Aí toda a rede vai sofrer com isso (RODA DE CONVERSA, p. 04).

A minha principal preocupação hoje seria o cuidado com o meio ambiente, então eu acho que a gente poderia se mobilizar. Por que eu acho que o cuidado com o meio ambiente requer, para mim, 24 horas. O IBAMA está de olho, mas está de olho quando? De vez em quando! (RODA DE CONVERSA, p. 15).

Segundo Ruschmann (2000), é importante que o poder público se comprometa com o planejamento sustentável do turismo, processo que pode diminuir consideravelmente o número de impactos negativos gerados pela atividade, tais como a depredação do patrimônio histórico e natural, além de conflitos entre a população local e o turista. Porém, sabe-se que a questão ambiental não deve ser considerada apenas em função do turismo, mas sim voltada a atender às necessidades da população local.

A atuação do poder público local foi muitas vezes questionada durante as Rodas de Conversa. Não só no que tange a preservação do meio ambiente, como também o apoio às iniciativas locais, às associações, além da falta de investimento em infra-estrutura para a localidade.

Ainda em relação à gestão municipal e o tipo de planejamento turístico que vêm adotando, algumas observações foram feitas, como as que se seguem:

Pelo que eu tenho sentido são muito incipientes as ações da área de turismo. Tenta-se levar para o profissionalismo, mas não se consegue, pois geralmente são cargos políticos. E não é tratado de uma forma mais sistemática, mais organizada. Quando acaba o governo, não se dá continuidade aos trabalhos (RODA DE CONVERSA, p. 68).

Às vezes que eu fui a Prefeitura, eu senti uma desorganização muito grande. Meu contato foi com um técnico, certo? Ele era o detentor, ele era mais ou menos o gerenciador desse projeto pelo qual eu me interessei, e era um projeto que também trabalhava com Extensão, com qualificação de mão-de-obra, para prepará-los para o turismo, mas são ações pontuais (RODA DE CONVERSA, p. 67).



Dias (2003) entende que o turismo sustentável deve ser pensado a partir dos eixos meio ambiente, sociedade e economia. Por essa razão, o turismo precisa da mobilização de todos os atores locais. Não é apenas um trabalho que deve ser executado pela prefeitura ou pela iniciativa privada, mas também deve-se contar com a participação dos moradores locais e com os integrantes da cadeia produtiva do turismo, sobretudo os grupos populares que possuem, na maioria das vezes um acesso desigual aos bens econômicos e sociais.

É nesse momento que surge a questão: quem, de fato, está se beneficiando do turismo em Porto de Galinhas?

A grande rede hoteleira foi apontada por muitos como a principal beneficiada de todo o desenvolvimento turístico da região, como foi possível constatar nas falas:

Eu acho que são os hotéis os principais beneficiados, hoje, em Porto de Galinhas, porque eles concentram tudo, todos os hotéis oferecem os passeios incluídos nos pacotes. Outra coisa que eu vejo: lojas mesmo, já têm nos próprios hotéis, então eles tentam segurar muito o turista dentro dos hotéis (RODA DE CONVERSA, p. 3).

E hoje eu acho que o principal beneficiário do Turismo em Porto é a grande Rede Hoteleira (RODA DE CONVERSA, p. 3).

Aí é onde eu volto a dizer: quem é que está sendo beneficiado com isso? São os hotéis. Hotel caro. Mas eu não estou vendo investimento aqui em nada, em Porto de Galinhas (RODA DE CONVERSA, p. 5).

Um dos participantes afirma que a rede hoteleira possui alguns privilégios:

Eu soube que na rede hoteleira tudo começou por lá. O abastecimento de água começou por lá, o calçamento começou por lá, tudo prioridade para os grandes hotéis. Todos os benefícios começam lá. Se faltar água, primeiro vai faltar aqui, depois vai faltar lá (RODA DE CONVERSA, p. 6).

A população, de acordo com os participantes, fica na maioria das vezes à margem dos benefícios que a atividade turística pode proporcionar:

Agora eu acho que a população não está beneficiada. Eu acompanho as atividades aqui e eu não vejo melhorias, com o turista aqui. Eles não têm uma coisa fixa, dependem muito do peixe (RODA DE CONVERSA, p. 7).

Eu acho que a população nunca foi beneficiada com o turismo. Tem muitas famílias que fazem barraquinhas, nesse ponto é beneficiado, mas não é uma coisa assim segura e tranqüila. Então eu acho que essa população aqui, não foi nem agora nem em outro momento beneficiada com o mercado interno que eles oferecem (RODA DE CONVERSA, p. 7).

Mesmo com o número de meios de hospedagem crescendo em Porto de Galinhas, o que se nota é que esses empreendimentos, em especial os *resorts*, além de promoverem um distanciamento entre o turista e a realidade local, também não beneficiam as comunidades onde se instalam. Benefícios estes que não estão relacionados apenas ao acesso à renda, mas também à valorização do cidadão e de sua cultura.

Os *resorts*, segundo Coriolano e Almeida (2007), são meios de hospedagens com configurações espaciais elitizadas, localizadas preferencialmente em áreas naturais preservadas e, muitas vezes, distantes de áreas urbanizadas, como se observa em Porto de Galinhas. São verdadeiros enclaves nas comunidades onde se instalam. Formam um mundo isolado e utilizam uma variedade de estratégias para reter o turista, sem dar-lhes chances de sair desses ambientes, para divertimentos e consumos fora das suas dependências. E, como a oferta de atrativos é variada e cativante, o tempo do turista é todo ocupado, as pessoas são privadas de outros contatos e de liberdade, pois seu tempo foi dedicado aos atrativos do *resort* e outras possíveis relações terminam sendo cerceadas (CORIOLANO & ALMEIDA, 2007).

O turismo sustentável tem como premissa absorver a mão-de-obra local, oferecendo boas condições de trabalho e renda. No caso dos hotéis e *resorts* de Porto de Galinhas, os participantes alegam que o turismo não tem incluído a população local da maneira que deveria:

Teve, no ano 2000, uma capacitação para garçom e garçonetes. Tiveram 30 jovens que foram capacitados daqui de Porto. Foi um ano de curso para manter eles. Era de 8h às 17h, eles tinham várias atividades. Tinham passeios também e aulas de inglês. Hoje estão trabalhando desses 30, apenas 9. Foi considerado alto até, mas no período do estágio, que foi no final do curso, a gente foi procurar os hotéis, pessoas que queriam e teve exigências desse tipo. Tem que ser de boa aparência e não poderia ser negro, porque fugia ao perfil dos hotéis. Então ficamos decepcionados. Na maioria, éramos negros (RODA DE CONVERSA, p. 14).

Eu lembro de uma matéria que eu escrevi para o Jornal do Comércio falando sobre a questão da Inclusão Social, e se colocava a questão das pessoas da região que eram contratadas para trabalhar no hotel, que com pouco preparo, com pouca qualificação, eram absorvidas como mão-de-obra para trabalhar na arrumação dos quartos. Mas assim, sempre me questioneei sobre a validade dessas informações, porque digamos assim, é uma inclusão que não inclui totalmente, entendeu? Eles estão incluídos no mercado de trabalho, mas sempre de uma forma. É um tipo de inclusão bem característica do sistema capitalista que a gente vive (RODA DE CONVERSA, p. 66).

A inclusão social é um aspecto fundamental do turismo sustentável (DIAS, 2003). Porém, como fica demonstrado nas falas abaixo, essa inclusão acontece apenas no discurso político:

É aquela coisa de você estar incluído extremamente pouco. Porque o turismo, por exemplo, em Porto de Galinhas, pelo que eu sei, o setor hoteleiro não paga bem, que remunere bem. Por exemplo, os grupos estrangeiros que vêm tampouco pagam bem e tampouco qualificam a mão-de-obra (RODA DE CONVERSA, p. 66).

E com relação à questão da inclusão, é aquela coisa disfarçada mesmo que a gente vive. É aquela inclusão que as pessoas ganham um salário mínimo, um salário e meio, e têm acesso a determinados

meios de consumo, mas não totalmente. Não têm condições de vida dignas, não têm acesso à educação, não têm acesso a muitos outros benefícios (RODA DE CONVERSA, p. 67).

Apesar dessa constatação, na visão dos gestores públicos, o turismo em Porto de Galinhas tem incluído muitos grupos populares:

Eu acho que a gente percebe bem esses grupos e tenta inseri-los ao máximo, não é? Então, tem, por exemplo, artesãos aqui na Praça do Arthur Maroja aqui ao lado, por exemplo... então a Prefeitura criou a praça, junto com outros órgãos fez capacitação para esses artesãos. Então, a gente sempre tenta agregar ao máximo esses grupos, porque se sabe que Porto de Galinhas em especial vive do Turismo. Então toda população, ou de Porto de Galinhas ou dos arredores trabalha aqui, de qualquer forma está relacionada ao Turismo, mesmo que não seja uma atividade diretamente ligada. Então a gente tem que achar uma forma de agregar essas pessoas aqui. Então a gente vem fazendo isso e, como sempre, graças a Deus, em parceria (RODA DE CONVERSA, p. 56).

Como existem 23 associações e essas associações, de uma forma geral, são organizadas, realmente são representativas de cada segmento. A gente vem tentando atender ao máximo. Tem uma capacitação de produção de alimentos, por exemplo, então a gente vai junto dos barraqueiros, convida a participar, mostra a importância disso e aí a gente consegue realmente, já que eles são organizados e procuram a gente. Em quantidade fica mais fácil da gente atender. Quando chega a cada 5 minutos uma pessoa para falar de alguma coisa é difícil, mas quando você tem um representante ou alguns representantes que estão trazendo as demandas daquele grupo como um todo é mais fácil de atender (RODA DE CONVERSA, p. 56).

Percebe-se, portanto, que há uma distância entre o discurso da população local e o do poder público municipal, haja vista foi possível identificar muitos problemas relacionados não só ao acesso à renda, como também problemas relacionados à infraestrutura básica para os bairros mais pobres, pouca valorização da classe trabalhadora além de ausência de fiscalização para conter a invasão de pessoas de outras localidades que vêm para competir com os moradores de Porto de Galinhas, seja no

comércio formal e não-formal, na prestação de serviços etc. Nesse sentido, Porto de Galinhas parece suscitar um modelo de exploração do turismo que possa incluir as iniciativas populares locais numa perspectiva da Economia Solidária. Nessa direção, o Projeto PORTURISMO-ECOSOL tem desenvolvido suas ações, na perspectiva do entendimento dos processos sociais envolvidos no turismo em Porto de Galinhas, com olhares voltados para a inclusão e inovação social.

## 5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse diagnóstico situacional possibilitou conhecer melhor como o turismo vem acontecendo em Porto de Galinhas e a quem este turismo vem beneficiando na região. É notório que a atividade turística em Porto de Galinhas vem crescendo cada vez mais, atraindo um número cada vez maior de turistas nacionais e internacionais, ganhando, com isso, uma representatividade no cenário mundial.

Todavia, o apoio aos grupos e iniciativas locais, ao que parece, mesmo com o discurso de esforço da gestão municipal, ainda é incipiente. Percebe-se que são os grandes empresários do setor, como a rede hoteleira, os grandes bares e restaurantes e as agências/operadoras de viagens que mais têm se beneficiado nesse processo, diminuindo as possibilidades das iniciativas da Economia Popular Solidária também participarem desses benefícios da atividade turística.

O debate provocado por uma nova proposta de turismo, capaz de se instalar nos territórios como agente de regeneração econômica, parte da crítica ao modelo de desenvolvimento centralizador e excludente que se consolidou na economia global, inclusive em Porto de Galinhas, e propõe um modelo que privilegie a inclusão por meio da igualdade de oportunidades, da transformação social, minimizando a lógica de organização econômica vigente.

Quanto à Economia Solidária, o Projeto PORTURISMO-ECOSOL acredita ser ela uma das estratégias que pode favorecer a inclusão sócio-econômica junto à cadeia produtiva do turismo, destacando, sobretudo, as dimensões sociais e econômicas através da criação e consolidação de oportunidades de trabalho e de renda.

Portanto, é de fundamental importância discutir um novo modelo de desenvolvimento do turismo, como uma alternativa à perspectiva excludente e pautada no capital que vem gerando impactos negativos de diversas ordens nas comunidades receptoras, principalmente nas populações de baixa renda, concentradas nos espaço de grande fluxo turístico. Nesse sentido, a economia popular solidária apresenta elementos que podem favorecer a inclusão social através do turismo, valorizando a cultura e o saber local, respeitando o meio ambiente e buscando o alcance de uma proposta que seja sustentável e inovadora.

## REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do Turismo**. Campinas: Papyrus, 2001.

CORAGGIO, J. L. **Propostas do Banco Mundial para a educação**: sentido oculto ou problemas? trad. Mônica Corullón. In: TOMASI, L. De: WARDE, M. J. HADDAD, S.(Org.). 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COROLANO, L.M.N.; ALMEIDA, H. M. O Turismo no nordeste brasileiro: dos resorts aos núcleos de Economia Solidária. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (57). <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24557.htm> [ISSN: 1138-9788]

\_\_\_\_\_. Turismo Comunitário e Economia Solidária no Ceará. In: II Seminário Internacional do Turismo Sustentável. **Anais...** Fortaleza, Maio de 2008.

DEFOURNY, J; DEVELTERE, P; FONTENEAU, B. Le fil conducteur de l'ouvrage: enjeux et chantiers de l'économie sociale. In: DEFOURNY, J.; DEVELTERE, P. e FONTENEAU, B. **Economie sociale au Nord et au Sud**. Bruxelles: Deboeck, 1999.

Promoção



Realização



DELVETERE, P. **Economie Sociale et Développement**. Paris: De Boeck Université, 1998.

DIAS, R. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.

**GUIA 4 RODAS**. Porto de Galinhas. São Paulo: Abril, 2009.

GUIMARAES, S. F. Turismo Solidário. **Com Ciência**: revista eletrônica de jornalismo científico. 10/05/2003. Disponível em <[www.comciencia.br/presencadoleitor/artigo10.htm](http://www.comciencia.br/presencadoleitor/artigo10.htm)>. Acesso em 20/11/2009.>

ICAZA, Ana; TIRIBA, Lia. Economia popular. In: CATTANI, A. **A outra economia**. Porto Alegre. Editora Voraz, 2003.

INCUBACOOP. **Projeto PORTURISMO ECOSOL – Rodas de Conversa**. Recife, 2009. (doc. Mimeo).

IRVING, M. A. Turismo e ética: premissa de um novo paradigma. In: CORIOLANO, L. N. M. **Turismo com ética**. 2ª. ed. Ceará: FUNECE, 1998.

JESUS, Paulo de; MANCE, Euclides. Exclusão/inclusão. In: CATTANI, Antônio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Turismo**: teoria e prática. Editora Atlas: São Paulo, 2000.

LAVILLE, Jean-Louis. **L'économie solidaire**. Paris: Desclée de Brouwer, 1994.

LECHAT, Noelle M. P. e SCHIOCHET, Valmor. Economia da dádiva. In: CATANI, Antonio David. **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

MTUR, Ministério do Turismo. **Plano Nacional de Turismo – 2007-2010**. Brasília, 2007.

OMT, Organização Mundial do Turismo. **Guia de desenvolvimento do Turismo Sustentável**. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

**REDE BRASILEIRA DE TURISMO SOLIDÁRIO E COMUNITÁRIO**. Disponível em <<http://redebonda.cbj.g12.br/ielusc/rbtscc/conceituacao.htm>> Acesso em 20/11/2009.

ROLIM. V. **Tipos de Turismo**. Disponível em [www.etur.com.br](http://www.etur.com.br) , acessado em 20.11.2009.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 2000.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

\_\_\_\_\_. Economia Solidária. In: CATTANI, David (Org). **A Outra Economia**. Porto Alegre: Editora Veraz Ltda, 2003.

Promoção



Realização

